

CENTROS CERIMONIAIS DO PLANALTO MERIDIONAL: UMA ANÁLISE INTRASÍTIO

*Marco Aurélio Nadal De Masi**

Resumo

A análise do padrão de assentamento no baixo vale do rio Canoas (De Masi, 2006) produziu em nível regional uma nova perspectiva do uso do espaço pelos grupos ancestrais dos Gê do Sul. As categorias de sítios encontrados foram: aldeias de superfície definidas pelas concentrações de fragmentos de cerâmica em superfície e sub-superfície; os acampamentos de caça definidos pela produção de pequenos bifaces - pontas de projétil; áreas de cultivo definidos pelas ocorrências aleatórias em superfície de grandes bifaces; estruturas subterrâneas com diferentes funções, mas principalmente estocagem; centros cerimoniais definidos por aterros anulares com montículos centrais e cemitérios em suas proximidades. O uso de teorias de nível médio, isto é, hipóteses criadas a partir de dados etno-históricos e etnográficos sobre os Gê do Sul, podem auxiliar na interpretação funcional dos dados arqueológicos. Neste trabalho será feita uma análise do uso do espaço – intrasítio – de uma destas categorias, o centro cerimonial e o cemitério associado, os quais mostram locais de enterramentos coletivos e locais de enterramento indivi-

* Doutor em Antropologia por Stanford University. Coordenador do Laboratório de Antropologia Cultural e Arqueologia da Unisul Business School, Universidade do Sul de Santa Catarina, Rua Trajano, 219. Florianópolis, Santa Catarina, 88010-010. nadademasi@hotmail.com.

duais indicando hierarquia social em 1440 d.C., além de outros vestígios que podem indicar atividades ritualísticas, associadas a ritos de passagem, e atividades domésticas nas suas proximidades.

Palavras chaves: Arqueologia das terras altas, Gê do Sul, Xokleng.

Abstract

The settlement pattern analysis of the Rio Canoas Valley (De Masi, 2006) produced at a regional scale a new perspective on the use of space by the ancestrals of the Gê do Sul native population. The hierarchy of sites are formed by: villages on the surface defined by pottery fragments concentrations; hunting camps defined by projectile points production; cultivation areas defined by surface random distribution of large bifaces; underground structures used for different tasks, but mainly storage and processing of food resources; ceremonial centers defined by earth rings with central mounds and cemetery in the surroundings. The use of middle level theories, generating hypothesis based on ethno-history and ethnography about the Gê do Sul, can be helpful to understand the function of archaeological sites categories. This article presents the spatial analysis - intrasite - of one of these sites categories, a ceremonial center and a cemetery that present collective burials and individual burial suggesting social hierarchy by 1440 a.C. Archaeological evidence suggest other ritual activities on the site, and domestic activities in the vicinity.

Keywords: Highland archaeology, Gê do Sul, Xokleng

No final da década de 60 o uso de teorias de alcance médio, comum na sociologia (Merton, 1968), passou a integrar a

Nova Arqueologia, principalmente através de estudos de processos de formação dos sítios arqueológicos (Binford 1968, 1977; Hill, 1972; Fritz, 1972; Reid et al, 1975; Schiffer, 1972), bem como através da criação de modelos interpretativos dos dados arqueológicos para se entender os processos culturais (Thomas, 1979; Binford, 1980; Bettinger, 1991).

Para Bettinger (1991), a falta de dados para a interpretação do registro arqueológico nos estudos de antropologia social fez com que os próprios arqueólogos realizassem estudos para fazer suas interpretações através da arqueologia comportamental (Schiffer, 1972, 1976) e etno-arqueologia (Campbell, 1968; Gould 1978; Kramer 1979). Para ele é difícil encontrar consenso na definição aplicável de teorias de alcance médio. Para Binford (1977), teorias de alcance médio abordam o modo como nós conseguimos fazer asserções sobre o passado a partir de fatos contemporâneos. De outro modo: como nós transformamos fatos estáticos do passado a partir do registro arqueológico em processos dinâmicos. Para Thomas (1979), sua função é ligar o vazio entre o conhecido e observável registro arqueológico e o desconhecido contexto sistêmico, não observável.

Para Willey & Sabloff (1974:249-254) teorias de nível superior em arqueologia são explicações altamente abstratas sobre o comportamento de todos os sistemas culturais. Teorias de nível inferior em arqueologia podem ser identificadas como os estudos dos processos de formação dos sítios arqueológicos, por exemplo: os transformadores culturais e naturais de Schiffer (1976) ou a distribuição espacial dos artefatos estudados pela arqueologia comportamental. As teorias de nível médio funcionam como conexões entre os fatos estáticos do registro arqueológico e os comportamentos que os produziram.

Estas podem variar desde asserções específicas até asserções amplas com significado geral dependendo do tipo da necessidade que tem o arqueólogo ao formular e testar hipóteses em arqueologia. Pergunta como o registro arqueológico se formou, caracteriza uma teoria de nível inferior. Pergunta o porquê, ou seja, qual comportamento gerou aquele registro, passa a fazer parte de teoria cultural (nível médio).

Para Raab & Goodyear (1984), é difícil ver diferenças significantes entre teorias de alcance médio e alcance inferior. Para os autores, quando se parar de perguntar que tipos de comportamentos podem ser associados a certos tipos de registros arqueológicos, e se começar a perguntar porque tais comportamentos acontecem, ou mudaram, ou se mantêm estáveis, se estará realizando construção de teoria de forma significativa. Eles consideram como exemplo de teoria de alcance médio o modelo *forager-colector* de Binford (1980) que procura explicar variabilidade organizacional em grupos modernos e pré-históricos, baseado em variáveis ambientais. A abordagem de Binford possibilita asserções sobre aspectos (subsistemas) do sistema cultural de caçadores coletores, que podem ser explorados empiricamente através dos registros arqueológicos. Para Trigger (1989) teorias de nível médio e teorias de alcance médio não são a mesma coisa. Teorias de nível médio referem-se exclusivamente ao comportamento humano e teorias de alcance médio referem-se a ambos, o comportamento humano e as características arqueológicas associadas a este. Para Trigger, tudo o que Binford caracteriza como teorias de alcance médio podem ser consideradas como um tipo de teoria de nível médio. Ele conclui que teorias de alcance médio são vitais para se testar todas as teorias de nível médio relacionadas aos da-

dos arqueológicos. Na análise do padrão de assentamento no baixo vale do rio Canoas, Santa Catarina, quanto à categorização dos sítios arqueológicos utilizou-se o modelo de Binford (1980). Baseado nos dados etnográficos de Murdok (1967) e dados de produtividade ambiental de Bailey (1960), o modelo estabelece duas estratégias econômicas de obtenção de recursos, caçador (*foraging – mapping on*) e coletor (*collector* - logística). A primeira estratégia leva o consumidor aos recursos, produzindo dois tipos de sítios arqueológicos, as bases residências e os sítios acampamentos. A segunda estratégia leva os produtos ao consumidor, acrescentando mais categorias de sítios arqueológicos. Segundo Binford (1980), a distribuição destas atividades está relacionada a temperatura efetiva da área que indica a produtividade terrestre. Áreas com baixa temperatura efetiva (< 15°C) apresentam distribuição espaço temporal concentrada de recursos, gerando um padrão de baixa mobilidade do grupo. Em áreas com alta temperatura efetiva (> 15°C) a distribuição espaço temporal dos recursos é aleatória e contínua, gerando um padrão de alta mobilidade. Isto é “todos os recursos críticos estão dentro do alcance da captação de recursos de uma base residencial” (Binford, 1980:15). Dessa forma, o modelo de Binford prediz grupos com alta mobilidade na área equatorial (caçadores) e grupos com baixa mobilidade em áreas temperadas e periglaciais (coletor). O modelo ainda prediz o tipo de padrão esperado nos sítios arqueológicos formados para cada categoria, considerando a formação do sítio arqueológico. Alta mobilidade produz agrupamentos bem definidos de artefatos, enquanto baixa mobilidade ao contrário produz uma organização grosseira do contexto arqueológico. Neste último é difícil relacionar os artefatos com eventos específicos.

Para caracterizar o modelo de Binford a nível regional, inicialmente utilizamos os dados etno-históricos dos Guaianãs (Kaingang) para estabelecer as categorias de sítios esperados no vale do rio Canoas. A área de estudo está situada na zona temperada do hemisfério sul, abaixo do trópico de Capricórnio. O tipo de estratégia esperada pelo modelo de Binford para a mesma é de coletores. O modelo criado a partir dos dados etno-históricos, para a área de estudo, apresenta as seguintes categorias de sítios arqueológicos: 1) bases residenciais, definidas por aldeias de superfície, covas no chão e/ou cavernas; 2) acampamentos temporários, comuns durante deslocamentos temporários/migrações e também representados por sítios superficiais de produção de pontas de projétil; e 3) cemitérios, caracterizados por fossas verticais com montículos e sepultamentos secundários.

As categorias funcionais de sítios arqueológicos encontrados no levantamento arqueológico foram: aldeias de superfície definidas pelas concentrações de fragmentos de cerâmica em superfície e sub-superfície; os acampamentos de caça definidos pela produção de pequenos bifaces - pontas de projétil; áreas de cultivo definidos pelas ocorrências aleatórias em superfície de grandes bifaces; estruturas subterrâneas com diferentes funções, mas principalmente estocagem; centros cerimoniais definidos por aterros anelares e cemitérios com aterros anelares e montículos centrais.

I. Aterros Anelares

Todos os sítios identificados como aterros anelares foram indicados pelos moradores locais durante o levantamento e salvamento arqueológico. Estes sítios são chamados pela população local de danceiros. A distribuição geográfica de sítios

arqueológicos do tipo danceiros (aterros anelares e outras formas) se dá desde as encostas do sistema Serra do Mar/Serra do Tabuleiro, Santa Catarina, até Misiones, na Argentina (Menghin, 1956 apud Ribeiro 1999-2000; Rohr, 1971; Alberione dos Reis, 1997; Beber, 2004).

Os aterros anelares são mencionados na literatura arqueológica inicialmente por Chmyz (1968), no Paraná. Rohr (1971) os identifica em Santa Catarina, em Bom Retiro, Urubici, Petrolândia e São Joaquim e os caracteriza como terreiros de antigas aldeias, embora a população local os identifique como danceiros, isto é, o local onde os Índios dançavam. Segundo os dados de Rohr (1971, 1984), estes aterros anelares ocorrem predominantemente no topo dos morros, com dimensões variáveis de 15 a 70 m de diâmetro e alturas de 20 a 30 cm. Eles podem ou não apresentar montículos ou depressão central, e estar associados com cerâmica e lítico, incluindo pontas de projétil. Ribeiro (1991 apud Alberione dos Reis, 1997) menciona para o Rio Grande do Sul (Esmeralda) aterros com formas geométricas distintas, os quais são freqüentes nos topos dos morros, ocorrendo de forma isolada ou em grupos, havendo alguns com um montículo central. Segundo Alberione dos Reis, estes aterros circulares ocorrem até na região de Misiones, Argentina. Para Menghin (1956 apud Ribeiro, 1999-2000) estes aterros anelares, os quais ainda são construídos por grupos Gê, seriam locais sagrados, talvez com paliçadas, e o montículo seria um túmulo. Mais recentemente, vários estudos vêm sendo realizados sobre estes aterros anelares, colaborando na compreensão dos mesmos (Copé, Saldanha & Cabral, 2002; De Masi, 2006; Herberts & Müller, 2007).

As datas de C_{14} calibradas obtidas para os aterros anelares cobrem um período de 990 d.C. a 1640 d.C. A seguir são apre-

sentado cinco sítios arqueológicos, os quais foram identificados e datados durante o levantamento e salvamento:

a) Sítio SC-AG-12: a área central foi datada em 1290-1420 d.C., calibrada (Beta 190304) e 1270-1320 d.C., calibrada (Beta 185443). O círculo 1, montículo 1, foi datado em 1410-1470 d.C., calibrada (Beta 185444). O círculo 2, montículo 1, foi datado em 1420-1510 d.C., calibrada (Beta 185442).

b) Sítio SC-CR-06: foi datado em 1640-1680 d.C., calibrada (Beta 190312).

c) Sítio SC-AG-75: foi datado em 990-1160 d.C., calibrada (Beta 190309).

d) Sítio SC-AG-77: foi datado em 1420-1520 d.C., calibrada (Beta 190311).

e) Sítio SC-AB-96: foi datado em 1440-1640 d.C., calibrada (Beta 190303).

Os aterros anelares encontrados podem ser classificados em dois tipos. Aterros anelares de grandes dimensões, com 50 a 60 m de diâmetro, e aterros anelares de pequenas proporções, com 30 a 15 m de diâmetro. Os aterros menores podem

estar isolados ou em grupos de até quatro, com um ou dois montículos, ou próximos aos aterros maiores. Os montículos quando únicos ocorrem no centro, mas quando em pares apresentam variações: dois montículos centrais e um montículo central e outro sobre aterro anelar.

II. O Sítio SC-AG-12

No vale do rio Canoas, este sítio arqueológico apresenta dois aterros anelares denominados círculo 1 e círculo 2. O círculo 1 tem uma diâmetro de 60 m e é definido por uma cota mais elevada no terreno, atingindo 60 cm de altura, sendo que na porção nordeste do mesmo as cotas são mais baixas ao nível da superfície topográfica do terreno (figuras 1, 2 e 3). Um dos *transects* realizado pelo levantamento magnético seccionou uma porção do aterro diagnosticando na base do mesmo uma anomalia magnética. A escavação da quadrícula no local identificou uma estrutura de combustão a 1,10 m. Não foi possível observar variação na composição estratigráfica nos perfis que permita identificar o aterramento da construção do círculo.



Figura 1 – Localização da área de pesquisa – UHE-Campos Novos, baixo vale do rio Canoas.

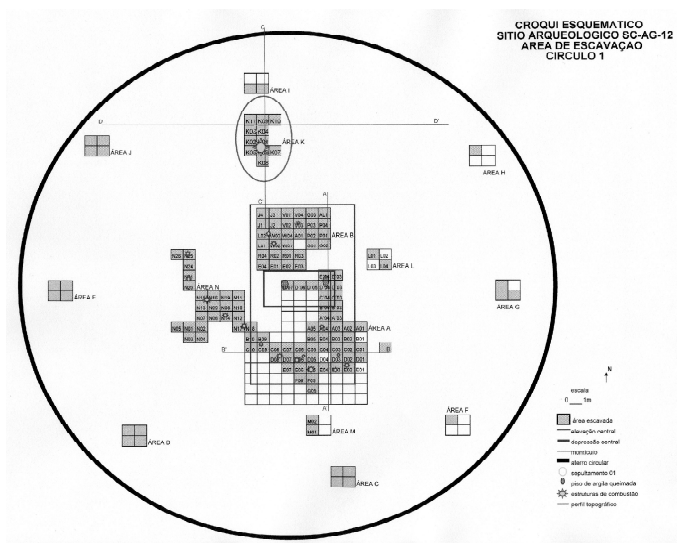


Figura 2 - Croqui esquemático das áreas de escavações arqueológicas do Sítio SC-AG-12 Circulo I e localização das estruturas.



Figura 3 – Sítio SC-AG-12, Aterro anelar – Circulo 1.

A superfície topográfica mais elevada do terreno identifica o aterramento anelar, assim como uma elevação retangular com uma depressão na região central do círculo. Outra superfície elevada na forma de um montículo ocorre ao norte do retângulo central (figura 4).

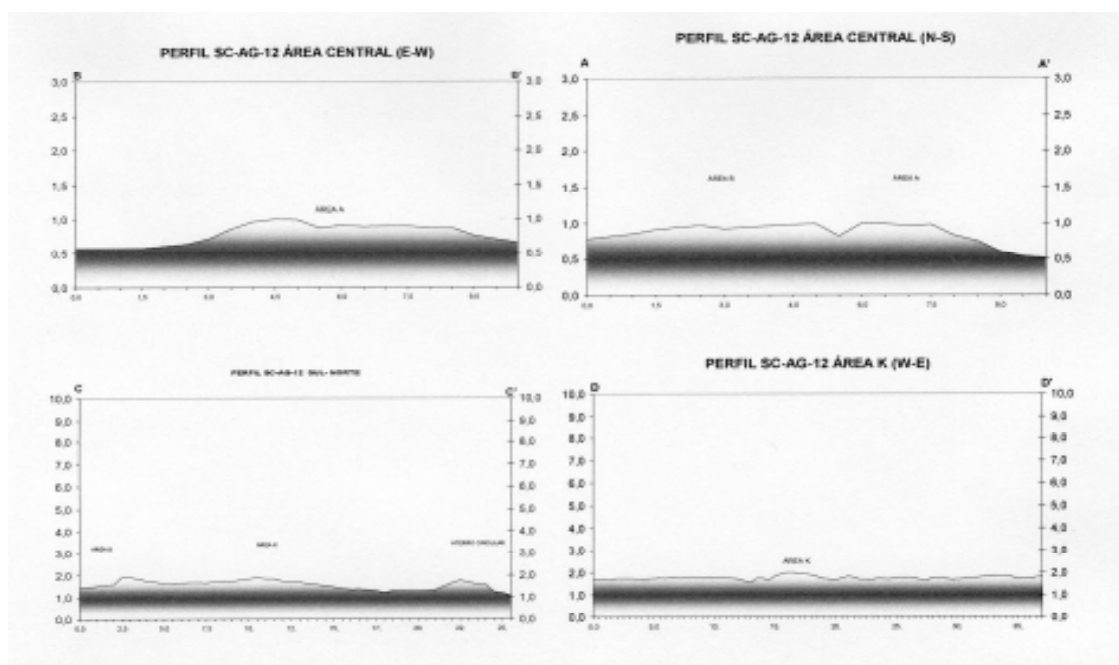


Figura 4 – Perfis do sítio SC-AG-12: a) Perfil B-B' área central; b) Perfil A-A' área central; c) Perfil C-C' área K e aterro anelar; d) Perfil D-D' área K – montículo.

As escavações no retângulo central foram divididas em área A e área B. A depressão central localizada na área A apresenta nas porções laterais um revestimento de argila queimada, sugerindo um piso de argila com inclinação para o centro da depressão, onde duas estruturas de combustão foram escavadas: uma formada apenas por cinzas e outra com pedras de fogueira e fragmentos de carvões. Esta úl-

tima é datada por C_{14} em 1270-1320 d.C. calibrada (Beta 185443). Próximo as cinzas foi encontrado um tarso de cervídeo e abaixo das pedras de fogueira um piso inclinado de argila. Nas áreas A e B as pedras de fogueiras das estruturas estão espalhadas e em algumas quadrículas aparecem parcialmente agrupadas, mas ainda de pequeno tamanho quando comparadas as estruturas de combustão da área

norte, onde chegam a atingir 1 m de diâmetro com aproximadamente 30 cm de profundidade (figura 5). As estruturas de

combustão estão alinhadas uma ao lado da outra formando um semi-círculo no centro do aterro anelar (figura 6).

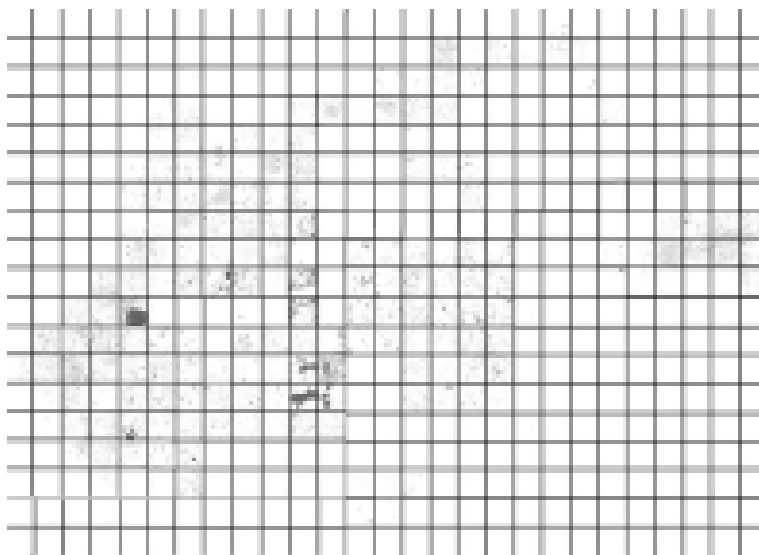


Figura 5 - Distribuição espacial dos artefatos área central Circulo 1 do sítio SC-AG-12. Artefatos em cinza claro são pedras de fogueira; em preto, fragmentos de piso de argila; cinza escuro, fragmentos cerâmicos.

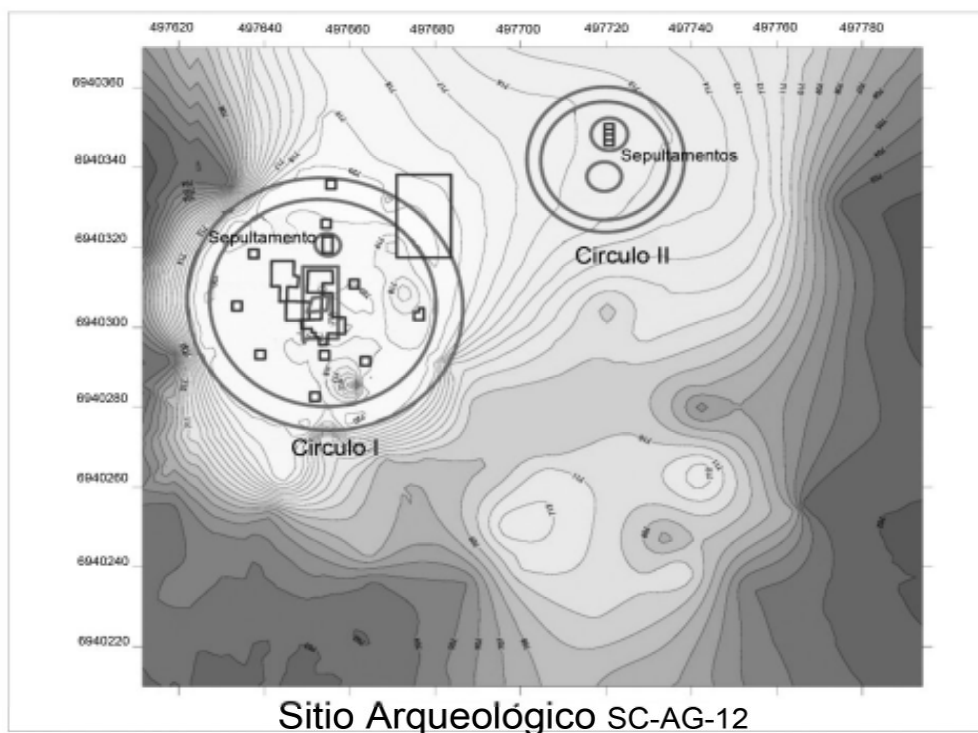


Figura 6 – Circulo 1 e 2 do Sítio SC-AG-12.

As pedras de fogueira são, predominantemente, de seixos e fragmentos de seixos de basaltóides, seguidos por sílica microcristalina e quartzo respectivamente. A estrutura D apresentou uma data de C_{14} de 1290-1420 d.C., calibrada (Beta 190304), sincrônica à estrutura P. A estrutura F que tem a maior quantidade de pedras de fogueira, faz parte de um outro contexto espaço-temporal definido por um montículo na área K, com dois sepultamentos cremados (adulto e criança) associados, datado por C_{14} em 1410-1470 d.C., calibrada (Beta 185444). Os sepultamentos têm como oferendas funerárias associadas ao enterramento dois recipientes



Figura 7 – Fogueiras alinhadas em semi-círculo.

As escavações na área interna do aterro, próximas ao seu limite (aterramento), produziram poucas ocorrências de artefatos e nenhuma estrutura de combustão, com exceção da área K, e área H. A área H, localizada a nordeste do círculo 1, tem seu início na parte interna do aterro ane-

cerâmicos definidos como um copo e uma tigela. No entorno das fogueiras da área central ocorrem muitos fragmentos de cerâmica e uma pequena estatueta feminina (figuras 7 e 8). Há uma variabilidade grande de tipos de decoração plástica, predominando os potes seguidos das tigelas e jarros, com bordas predominantemente retas. Próximo as fogueiras também ocorrem lascas de quartzo, as quais são predominantes como artefatos líticos, artefatos de sílica microcristalina, havendo apenas um biface de basaltóide com grandes proporções. O proprietário encontrou uma mão-de-pilão no local, sem localização exata.



Figura 8 – Estatueta feminina.

lar e se estende para a porção externa do círculo (figura 6). Ocorrem algumas estruturas de combustão de pequenas proporções e concentrações de fragmentos de cerâmica, os quais indicam um uso do espaço distinto da região interna do aterro anelar. Um tembetá de cristal de quartzo hialino foi encontrado nesta área, além de uma estatueta masculina. O círculo 2 se situa a 80 m de distância, a nordeste do círculo 1, com um diâmetro de 30 m, e dois montículos em sua porção central, denominados montículo 1 e 2. O aterro anelar apresenta-se bastante erodido, sendo difícil sua visualização. Apenas o montículo 1 foi escavado.

Seis sepultamentos cremados foram escavados neste montículo em aproximadamente 1 m² (figura 9). O tamanho e espessura dos ossos dos sepultamentos 5 e 6 sugerem que os mesmos são de crianças e os outros ossos de indivíduos adultos. Os sepultamentos se sobrepõem uns aos outros, sendo que o mais próximo a superfície apresentou datação por C₁₄ de 1420-1510 d.C. calibrada (Beta 185442) (figura 10). Lascas e núcleos bipolares de quartzo hialino ocorrem associados, assim como recipientes cerâmicos, como

oferendas funerárias. No limite norte da trincheira ocorre uma concentração de carvões formando uma camada espessa de forma elíptica com fragmentos de ossos carbonizados, indicando o local de cremação. Ao lado, o início de uma segunda concentração de carvão similar a primeira começa a ser definida. Abaixo do sepultamento de número três, há uma grande concentração de carvão com oferendas, os quais sugerem a existência de diferentes áreas de cremação relacionadas a diferentes indivíduos.

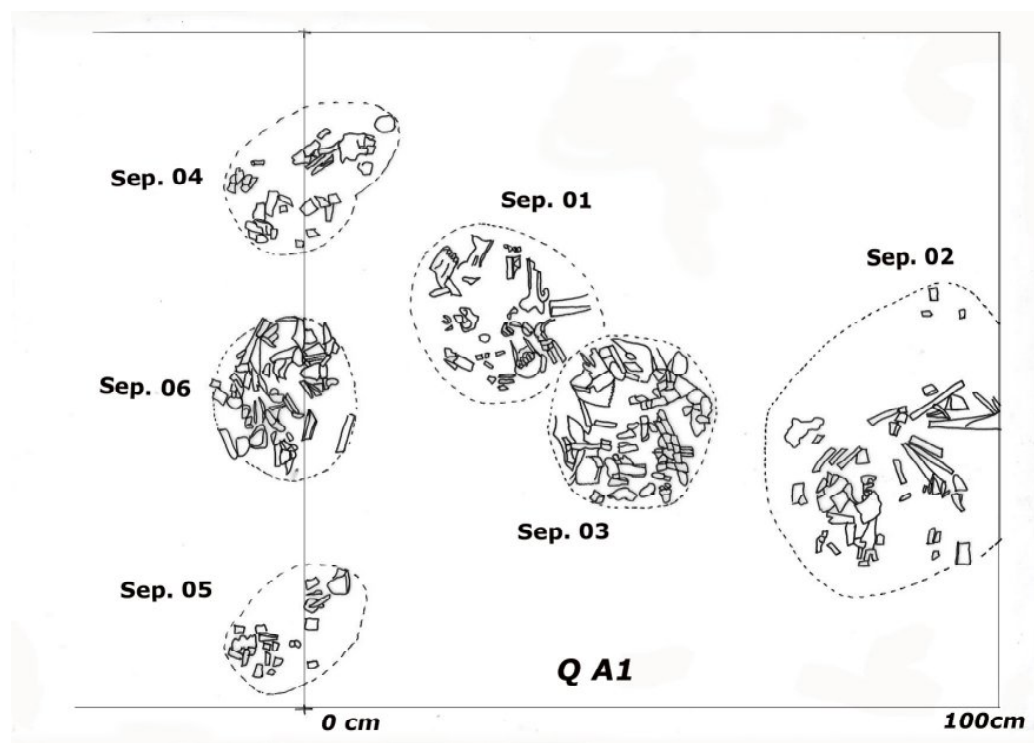


Figura 9 – Sepultamentos cremados montículo I – Circulo 2 (planta baixa).

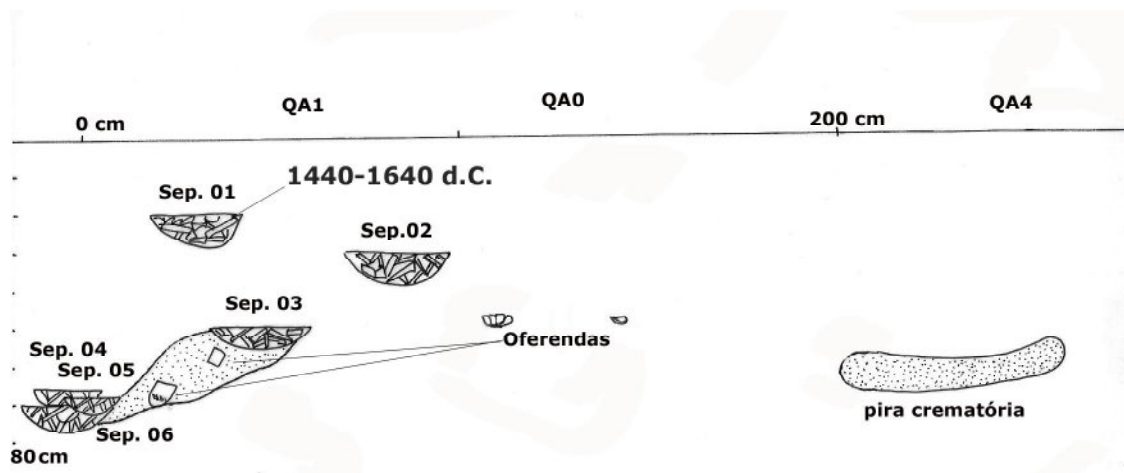


Figura 10 - Sepultamentos cremados montículo I – Circulo 2 (perfil estratigráfico).

III. Considerações Finais

Considerando o padrão de assentamento do baixo vale do rio Canoas, as categorias de sítios arqueológicos encontradas não corresponderam ao modelo baseado nos dados etno-históricos dos Kaingang. A principal diferença está na ocorrência de sepultamentos cremados sob montículos em aterros circulares. Cremação dos mortos não é praticada pelos Kaingang em seus ritos mortuários (Mabilde, 1897). Considerando que a cremação dos mortos é praticada por um outro grupo dos Gê do Sul, denominado Xokleng, passamos a considerar o padrão de assentamento usando os dados etno-históricos deste grupo. Entre os Xokleng se incluem um grupo denominado Pinarés, que historicamente estavam localizados na área de pesquisa, entre o rio Canoas e o rio Pelotas (Quiro-ga, 1749 apud Carneiro da Cunha, 1992; Basile Becker, 1978).

Para Noelli (2000), a única forma de diferenciar arqueologicamente os Kaingang dos Xokleng é através do tipo de sepultamento e não da cerâmica, a qual é muito similar no seu processo de produção, apesar das pequenas diferenças (Silva, 2000). Lingüisticamente, os Xokleng são distintos dos Kaingang (Davis, 1966, 1968; Wiesemann, 1978 apud Noelli, 2000), embora ambos pertençam ao tronco lingüístico Gê. Há muitas outras diferenças: biológicas (Salzano & Sutton, 1965; Salzano & Freire-Maia 1967 apud Noelli, 2000), organização social, ritos de passagem, mitologia e sepultamento dos mortos (Becker 1988; Lavina, 1994; Hicks, 1966, 1971; Urban, 1978, 1992 apud Noelli, 2000). Além disso, os Xokleng são descritos como caçadores e coletores sem cultivo, enquanto que os Kaingang parecem ter possuído uma horticultura incipiente.

Lavina (1994) oferece uma excelente revisão da bibliografia existente sobre os Xokleng, caracterizando muito bem o grupo em relação aos vários aspectos do seu modo de vida, bem como sua distribuição geográfica, de acordo com os relatos históricos e antropológicos. Lavina também revê os dados arqueológicos que possivelmente podem estar relacionados aos Xokleng. Ele cria um modelo Xokleng, no qual o grupo é caracterizado como nômade em função das condições ecológicas da Mata Atlântica da encosta da Serra e os campos e Florestas de Araucárias no Planalto, pelas quais transitavam em diferentes estações do ano. Na primavera e verão estavam nas encostas, e no outono e inverno estavam na Mata de Araucária. Na primavera e verão, os acampamentos eram pequenos e pouco estáveis (alguns dias) com grupos de 8 a 30 pessoas. Locais com mais recursos teriam acampamentos mais estáveis de até uma semana, e locais pobres em recursos teriam acampamentos por apenas uma noite. Os acampamentos cerimoniais (perfuração de lábios) se diferenciam nesta época do ano, pois são grandes e ocupados aproximadamente por um mês. No outono e inverno, os grupos são maiores, de até 50 pessoas, e a duração da ocupação dos acampamentos seria mais longa, de até três meses, devido à coleta de pinhão e a concentração de fauna em função da abundância do fruto das Araucárias. Lavina descreve os tipos de abrigos e sua construção, tanto em uma, quanto em outra área ecológica, ocupados pelo grupo nas diferentes estações do ano. Ele também descreve os tipos de atividades desenvolvidas por homens e mulheres, a manufatura de diferentes tipos de fogueiras, cestaria, cerâmica, artefatos líticos e de madeira. Descreve ainda a caça e coleta dos recursos de subsistência, sua preparação e, em alguns casos, a sua conser-

vação (pinhão). Os mortos eram cremados e sepultados sob um montículo de até 50 cm de altura.

O padrão de mobilidade anual estabelecido por Lavina caracteriza o grupo com alta mobilidade na primavera e verão, nas encostas da Serra, e baixa mobilidade no outono e inverno, nas terras altas. O que deve ser questionado é se esse padrão da época do contato é o mesmo no passado. O grupo pode ter se adaptado ao modo de vida caçador coletor com alta mobilidade como uma estratégia de sobrevivência as frentes coloniais. O grupo no passado poderia apresentar baixa mobilidade durante o ano todo, inclusive com a prática da agricultura e produção cerâmica, como sugerem os dados arqueológicos. Recipientes cerâmicos como oferendas funerárias ocorrem associados com os sepultamentos cremados. Restos carbonizados de fundo de recipientes cerâmicos indicam o uso de plantas C_4 (possivelmente o milho) para o mesmo período de tempo.

É possível inferir que as áreas onde há ocorrência de aterros anelares pequenos com montículos são túmulos dos ancestrais dos atuais Xokleng. Já os aterros grandes podem ser centros cerimoniais que, em um determinado momento, passam a ser um túmulo para pessoas de hierarquia elevada dentro do grupo social.

Nestes centros cerimoniais se realizariam a perfuração de lábio dos meninos para uso do tembetá. Segundo Paula (1924 apud Lavina, 1994), para a realização deste ritual uma grande área circular é limpa, com abrigos temporários construídos na sua periferia. No centro é acesa uma fogueira e os homens e mulheres dançam e bebem, incluindo as crianças. Durante o ritual, quando o iniciado chega a um estágio insensível, é feita a perfuração dos lábios. O papel das mulheres neste cerimonial era muito importante, segundo Henry (1964 apud Lavina, 1994). A mãe

perfura o lábio, enquanto a avó segura o menino. As meninas ganhavam duas incisões abaixo da rótula na perna esquerda ao invés de terem o lábio perfurado.

Quanto ao ritual de sepultamento, Henry (1964 apud Lavina, 1994) transcreve o depoimento do Índio Vamblé, segundo o qual em um local preparado são empilhadas lenhas até a altura da cintura de um homem e sobre esta pilha é colocado o corpo do falecido orientado com a cabeça para oeste, com seus objetos pessoais juntamente com mel e carne assada em suas mãos. O cadáver então é recoberto por mais lenha até a pilha alcançar a altura de um homem, ficando escorada. A pira é acesa com bambu e todos se retiram. Se ao retornarem o corpo não foi todo cremado, o processo se repete. Os ossos carbonizados são colocados em um cesto forrado com folhas de xaxim e transportado ao local de enterramento, caracterizado como uma cova no centro. No local de enterramento o cônjuge constrói um pequeno abrigo. Segundo Vasconcellos (1912 apud Lavina 1994), a altura do montículo caracteriza a hierarquia no grupo, sendo os mais altos para aqueles em posição mais elevada. O sítio SC-AG-12 apresenta os dois tipos de ocorrência de

aterros anelares (grande e pequeno) e em ambos ocorrem montículos com sepultamentos. Ambos apresentam datas calibradas que se situam no mesmo intervalo cronológico de 1440-1640 d.C. e 1420-1510 d.C., para o montículo 1 - círculo 1, e montículo 1 - círculo 2, respectivamente. No primeiro temos o enterramento de um adulto e um infante e no segundo temos enterramentos coletivos. O ritual de enterramento interpretado a partir das evidências arqueológicas parece ser diferenciado em ambos os casos. No primeiro temos um enterramento único, e no segundo temos enterramento coletivo. Contudo, todos são cremados. As oferendas no sepultamento do círculo 1 se caracterizam por um copo de beber, uma tigela de comer e uma fogueira de 2 m de diâmetro. Já no círculo 2 não há a grande fogueira, mas artefatos que não podem ser ligados diretamente a um corpo específico. Estas diferenças permitem inferir diferenças no status social dos indivíduos sepultados. Os indivíduos sepultados no círculo maior teriam um status superior aos indivíduos sepultados no montículo do círculo menor.

Recebido para publicação em abril de 2009.

Referências Bibliográficas

- ALBERIONE DOS REIS, J. 1997. *Para uma Arqueologia dos Buracos dos Bugres: Do Sintetizar, do Problematizar, do Propor*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, PUCRS.
- BASILE BECKER, I. 1978. *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas.
- BAILEY, H. P. 1960 A method of determining the warmth and temperateness of climate. *Geografiska Annaler*, 43(1):1-16.
- BEBER, M. V. 2004. *O Sistema de Assentamento de Grupos Ceramicos do Planalto Sul-brasileiro: O Caso da Tradição Taquara-Itararé*. Tese de doutorado. São Leopoldo, UNISINOS.
- BETTINGER, R. L. 1991. *Hunter-gatherers: Archaeological and Evolutionary Theory*. New York, Plenum Press.
- BINFORD, L. 1968. Archaeological perspectives. In: BINFORD, S.R. & BINFORD, L. (eds.). *New*

Perspectives in Archaeology. Chicago, Aldine, pp. 5-32.

BINFORD, L. 1977. *For Theory Building in Archaeology*. New York, Academic Press.

BINFORD, L. 1980. Willow smoke dog's tail: hunter-gatherers settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45(1):4-20

CAMPBELL, J. M. 1968. Territoriality among ancient hunter-gatherers: interpretation from ethnography and nature. In: MEGGERS, B. (ed). *Anthropological Archaeology in the Americas*. Washington, Anthropological Society of Washington, pp. 1-21.

CHMYZ, I. 1968. Consideração sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas-Antropologia*, São Leopoldo, 18:115-125.

COPÉ, S.M., SALDANHA, J.D. & CABRAL, M.P. 2002. Contribuição para a pré-história do planalto: estudo de variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas - Antropologia*, São Leopoldo, 58:121-139.

DE MASI, M. A. N. 2006. Arqueologia das terras altas do sul do Brasil: o baixo vale do rio Canoas, SC. In: DE MAIS, M. A. N. (org.) *Xokleng 2860 a. C. As Terras Altas do Sul do Brasil - Transcrições do Seminário de Arqueologia e Etnohistória*. Tubarão, Ed. UNISUL, pp. 47-75.

FRITZ, J. M. 1972. Archaeological systems for indirect observation of the past. In: LEONE, M. P. (ed.) *Contemporary Archaeology*. Carbondale, Southern Illinois University Press, pp. 135-157.

GOULD, R. 1978. Beyond analogy in ethnoarchaeology. In: GOULD, R. (ed). *Explorations in ethnoarchaeology*. Albuquerque, Univ. New México Press, pp. 249-293.

HERBERTS, A. L. & MÜLLER, L. M. 2007. Os sítios funerários do projeto de arqueologia compensatória UHE Barra Grande, SC. *Anais do XIV Congresso da SAB (CDROM)*. Florianópolis, SAB.

HILL, J. N. 1972. The methodological debate in contemporary Archaeology: a model. In: CLARKE, D. L. (ed.) *Models in Archaeology*. London, Methuen, pp.61-107.

KRAMER, C. 1979. *Ethnoarchaeology: Implications of Ethnography for Archaeology*. New York, Columbia University Press.

LAVINA, R. 1994. *Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para Arqueólogos*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.

MABILDE, A. 1897. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação "Coroados" que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuario do Estado do rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ano XIII:145-167.

MERTON, R. K. 1968. *Social Theory and Social Structure*. New York, Free Press.

MURDOCK, G. P. 1967. Ethnographic atlas: a summary. *Ethnology*, 6:109-236.

NOELLI, F. S. 2000. Os Jê no sul: roteiro para um modelo alternativo. In: MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. & TOMMASINO, K. (org) *Uri e Wãxi: Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina, Ed. UEL, pp. 27-57.

CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) 1992. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, São Paulo.

RAAB, L. M. & GOODYEAR, A.C. 1984. Middle range theory in archaeology: a critical review of origins and applications. *American Antiquity*, 49:255-68.

REID, J. J.; SCHIFFER, M. B. & RATHJE, W. L. 1975. Behavioral archaeology: four strategies. *American Anthropologist*, 77:864-869.

RIBEIRO, P. A. M. 1999-2000. A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, México, 17-18-19:9-49.

ROHR, J. A. 1971. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. *Pesquisas-Antropologia*, São Leopoldo, 24:1-70.

ROHR, J. A. 1984. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu Antropológico UFSC*,

Florianópolis, 17:77-168.

SCHIFFER, M. 1972. Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37:156-165.

SCHIFFER, M. 1976. *Behavioral Archaeology*. New York, Academic Press.

SILVA, F. A. 2000. As cerâmicas dos Jê do sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. In: MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. & TOMMASINO, K. (org) *Uri e Wãxi: Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina, Ed. UEL, pp. 58-80.

THOMAS, D. H. 1979. *Archaeology*. New York, Holt, Rinehart, and Winston.

TRIGGER, B. 1989. *A History of Archaeological Thought*. New York, Cambridge University Press.

WILLEY, G. R. & SABLOFF, J. A. 1974. *A History of American Archaeology*. London, Thames and Hudson.

